

A globalização e o grande capital no espaço urbano de Santo Antônio da Platina (PR)

Pedro Henrique Carnevalli Fernandes

da Universidade Estadual do Norte do Paraná - Cornélio Procópio - Brasil
pedrofernandes@uenp.edu.br

Lorena Seixas Soares de Souza

da Universidade Estadual do Norte do Paraná - Cornélio Procópio - Brasil
lssds96@gmail.com

Resumo: O capitalismo se consolidou como o sistema de produção hegemônico em praticamente todo o planeta. Assim, fenômenos, como a Revolução Industrial, potencializaram ainda mais essa supremacia e, nos dias atuais, o capital e suas variantes encontram-se em espaços heterogêneos. Por isso, o objetivo principal deste artigo é mostrar que a ação do grande capital e da globalização no espaço urbano ocorre também em municípios não metropolitanos, como as cidades médias, as pequenas cidades e as áreas rurais. Assim, esta pesquisa desmitifica a visão de que apenas grandes centros urbanos experimentam a ação das variáveis do capitalismo. Para isso, o estudo ocorre no município de Santo Antônio da Platina, localizado no interior do Estado do Paraná, e que possui menos de cinquenta mil habitantes. A pesquisa traz a discussão teórica sobre o grande capital e a globalização, bem como a percepção dos moradores quanto as variáveis do referido sistema de produção. Então, foram utilizadas as metodologias de pesquisa: levantamento bibliográfico e de dados, aplicação de questionários com a população e com empresas instaladas no município, e realização de produtos cartográficos e da redação final do trabalho. Os resultados sinalizaram para a presença do grande capital em Santo Antônio da Platina, em competição com o capital local, e para produção do espaço urbano a partir da difusão desse grande capital no espaço local.

Palavras chaves: Globalização. Grande Capital. Espaço urbano. Santo Antônio da Platina.

Introdução

O atual sistema de produção que a sociedade vive é extremamente contraditório. Nos últimos anos, dentro da Geografia Crítica e de cunho marxista, muito tem se debatido acerca das contradições desse sistema, que visa o viés econômico, mas, ao mesmo tempo, gera pobreza, segregação e inúmeras faces de exclusão. É gerador, por conseguinte, de concentração de renda e de injustiças sociais.

Nesse sentido, os espaços urbanos, independente do tamanho demográfico, vivem as variáveis desse capitalismo e, dessa forma, são organizados conforme os interesses dos atores hegemônicos. É evidente que tais fenômenos se potencializam nas grandes metrópoles mundiais. Contudo, os interesses de grandes corporações capitalistas ocorrem também em

municípios que são polarizados por cidades de pequeno e de médio porte, fenômeno esse que na maioria das vezes passa despercebido pela sociedade, pelo Estado e até pela universidade.

Dessa maneira, pretende-se demonstrar que os grandes atores hegemônicos alcançam e influenciam espaços antes inatingíveis, ou seja, o mesmo modo de vida praticado pelos estadunidenses, por exemplo, acontece e se reproduz nas pequenas e médias cidades do interior do Paraná, do Amazonas... O desejo pelo consumo, pelas inovações, pela tecnologia, pela moda, entre outros, alcança lugares tão remotos que muitas vezes a percepção humana não é capaz de enxergar.

Assim, o objetivo desta pesquisa é compreender a (re)produção da globalização e do grande capital na escala local de Santo Antônio da Platina, localizada no Norte do Estado do Paraná, e seus desdobramentos no espaço urbano. Já os objetivos específicos são: (i) Entender o modo de produção capitalista, a globalização e o grande capital em espaços não metropolitanos, (ii) compreender a produção do espaço urbano de Santo Antônio da Platina a partir dos agentes globais e do grande capital, (iii) Apresentar o contexto realidade local de Santo Antônio da Platina quanto ao grande capital e seus desdobramentos.

Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foram: levantamento bibliográfico de livros e artigos para o corpo teórico do trabalho, levantamento de dados secundários sobre o município de Santo Antônio da Platina, realização de trabalho de campo por meio de aplicação de questionários e registro fotográfico e produção de material cartográfico e da redação final do artigo.

O trabalho de campo foi desenvolvido em duas etapas. O primeiro momento, que ocorreu ao longo dos meses de agosto e setembro de 2017, consistiu em entrevistar três empresas instaladas no município de Santo Antônio da Platina que possuíam dimensões distintas de capital e de tamanho, procurando entender a influência e a relação das empresas com o capital global/local e com o município. É fundamental ressaltar que neste artigo os nomes das empresas serão preservados. O segundo momento do trabalho de campo, que ocorreu entre os dias 21 e 25 de agosto de 2017 na área central da cidade, consistiu da aplicação de cem questionários na população local, todos maiores de 18 anos.

O município de Santo Antônio da Platina está localizado no Estado do Paraná, pertencendo à Mesorregião do Norte Pioneiro paranaense e à Microrregião de Jacarezinho. A Figura 1 apresenta a localização do município. Segundo o IBGE (2010), Santo Antônio da Platina conta com uma população de 42.707 habitantes, sendo 86,5% de população urbana e 13,5% de população rural.

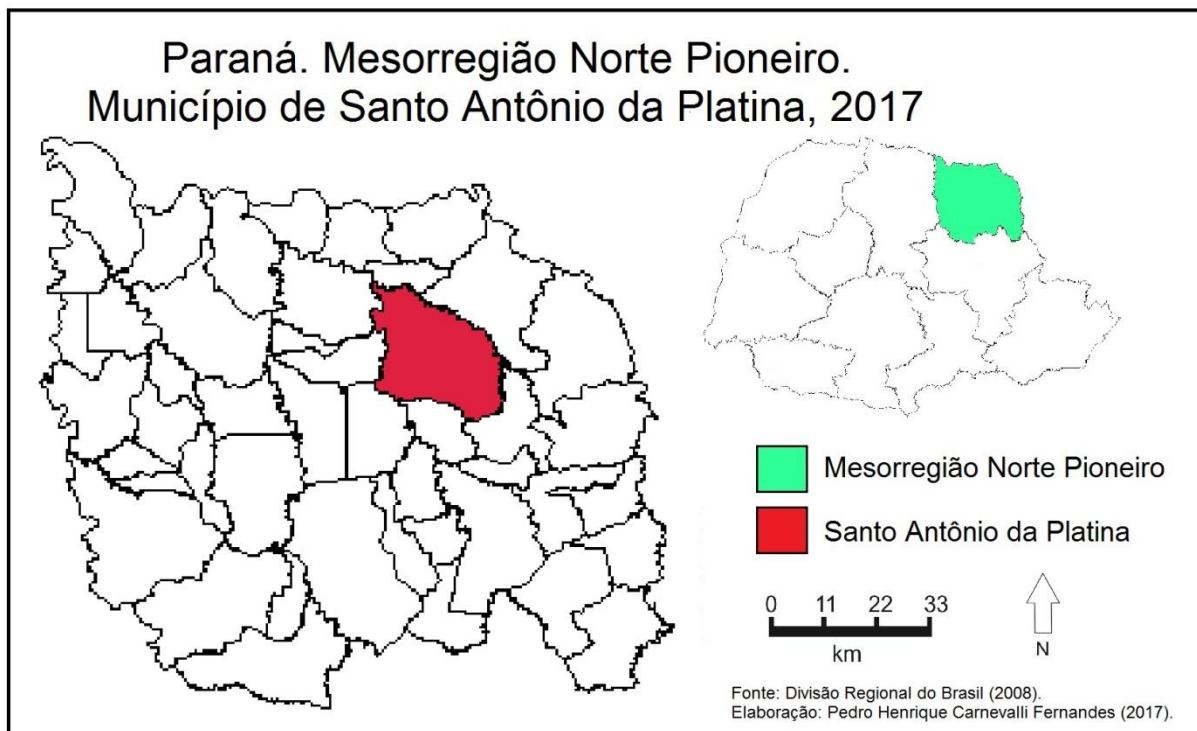


Figura 1: Paraná. Mesorregião Norte Pioneiro. Município de Santo Antônio da Platina
Fonte: Adaptado de IBGE (2008)

A estrutura deste artigo ocorre em três blocos, além da introdução, considerações finais e referências: no primeiro bloco apresenta-se a construção teórica acerca da globalização e o grande capital; no segundo bloco tem-se a análise dos resultados alcançados acerca do grande e do pequeno capital em Santo Antônio da Platina a partir das entrevistas com as diferentes organizações; e, finalmente, no quarto bloco, apresenta-se a perspectiva dos respondentes quanto à globalização, ao capitalismo e ao grande e pequeno capital em Santo Antônio da Platina.

A globalização e o grande capital

O entendimento teórico da globalização e do grande capital dentro da perspectiva deste artigo passa por algumas reflexões de análise. Inicia-se pela organização espacial, que se vincula aos objetos fixos e às formas dispostas espacialmente e que exprimem a natureza transformada, ou seja, a segunda natureza (CORRÊA, 1987). Assim, a organização espacial é a expressão da produção material do homem, resultado do seu trabalho social, sendo que ela “refletirá tanto a natureza classista da produção e do consumo de bens materiais, como o controle exercido sobre as relações entre as classes sociais que emergiram das relações sociais ligadas à produção” (CORRÊA, 1987, p. 56).

Nesse sentido, a organização espacial é formada pelas inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social, sendo que sua perspectiva global é resultado dessa própria organização espacial (CORRÊA, 1987). Além disso, ela se utiliza do conceito de economias de aglomeração para ilustrar que a utilização das formas espaciais pelos agentes modeladores vão beneficiar as atividades estabelecidas naquele local, pois criam, sobretudo, uma escala notória. Logo, quando a organização espacial se concretiza, os agentes (como por exemplo, o Estado e as grandes corporações) induzem outros agentes a utilizarem da mesma forma espacial (CORRÊA, 1987).

Para Santos (2012), a ordem imposta pelos vetores da hegemonia cria nos locais uma desordem, uma vez que a ordem não tem um sentido, visto que seu objetivo e finalidade são os mesmos: o mercado global. Assim, a mais-valia global é o motor das reorganizações, tanto sociais como econômicas, políticas e geográficas, transformando a competitividade em uma marca desse tempo (SANTOS, 2012).

A partir disso, a organização espacial é, em síntese, um reflexo da sociedade; um reflexo da produção humana; uma consequência do trabalho e de sua divisão. Logo, a sociedade capitalista avançada apresenta uma organização espacial complexa que está organizada pra si mesma, além de possuir uma rede de articulação densa e uma emaranhada divisão social e territorial do trabalho.

Essa organização espacial se materializa, entre outros, pelos agentes que organizam esse espaço. Aqueles que organizam o trabalho direta ou indiretamente e determinam as categorias internas de ação são os chamados macroatores, sendo que essa ação leva os comportamentos locais se ajustarem aos interesses globais, que estão em constantes mudanças, gerando, sobretudo, a descontinuidade no processo organizacional (SANTOS 2008). Nesse cenário, junto à macroempresa, o Estado ganha um papel de regulação, sendo dissimulado, pois favorece os atores hegemônicos (SANTOS 2008). Esse ponto teórico é fundamental para a compreensão da relevância deste artigo.

O capital, um desses agentes, não age no espaço de forma uniforme, por isso, torna-se interessante destacar quatro dessas ações desiguais: (i) a acumulação contraditória do capital, que gera um processo de centralização e concentração dele em empresas industriais e bancos; (ii) a centralização e concentração do capital, sendo que essas têm uma expressão espacial, chamada de internacionalização; (iii) o Estado capitalista, dos quais para ele não compensa investir em atividades de baixa remuneração, porém seu investimento pode baratear os custos dos investimentos do capital nos fins lucrativos, fazendo com que o Estado se torne empresário; (iv) o grande capital e o setor informal, sendo o último dependente em alguns casos do grande capital e existente em todos os setores da economia. (CORRÊA, 1987).

O grande capital toma decisões a partir de estudos de viabilidade, enquanto o pequeno capital não tem esse recurso (CORRÊA, 1987). Com esse poder de viabilidade técnica, as empresas podem, inclusive, (re)produzir espaços urbanos, sobretudo a partir dos seus interesses influenciando na organização espacial. Em contrapartida, o pequeno capital acaba sendo característico dos países sem desenvolvimento econômico ou com desenvolvimento em andamento (países emergentes e periféricos) e “não se utilizam do crédito nem movimento recursos vultosos” (CORRÊA, 1987, p. 65). Nesse tipo de cenário, as atividades são dependentes, e juntas produzem um processo de acumulação capitalista em um setor que não é atrativo para o grande capital.

Uma segunda importante reflexão para análise teórica é acerca da ordem universal e ordem local. Para compreendê-la parte-se da racionalização do espaço geográfico, que foi conquistada através da racionalização da sociedade e isso aconteceu devido à necessidade de um meio técnico-científico-informacional, que tem como objetivo substituir o meio natural e o meio técnico em espaços racionais que dão sustento para ações globais (SANTOS, 2012).

Dessa maneira, as transformações realizadas no espaço por meio da sua racionalidade podem ser analisadas em três perspectivas: (i) o espaço geográfico remodelado pelas transformações é considerado um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações; (ii) no plano global mesmo que as ações estejam desterritorializadas elas constituem a norma de uso dos sistemas localizados de objetos e no plano local o território propriamente constitui uma norma para que essas ações possam ser exercidas; (iii) graças às essas duas ordens surgem à razão local e a global e que cada uma delas podem se sobrepor associar ou confrontar dependendo do contexto (SANTOS 2012).

Segundo Santos (2012), cada lugar convive dialeticamente, ao mesmo tempo, com a razão global e a razão local. Dessa maneira, “a ordem global é ‘desterritorializada’ (...). Seu ‘espaço’, movido e inconstante, é formado de pontos, cuja existência funcional é dependente de fatores externos” (SANTOS, 2012, p. 339). Já a ordem local vai unir em uma mesma lógica “todos os seus elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas e formas geográficas” (SANTOS, 2012, p. 339). A ordem local é aquela “que ‘reterritorializa’, é a do espaço banal, espaço irreduzível” (SANTOS, 2012, p. 339).

Na esfera global, existem espaços de globalização que são reunidos por redes, que segundo Santos (2012, p. 333), “são mistas, elas incluem materialidade e ação. A rede técnica mundializada atual é instrumento da produção, da circulação e da informação mundializadas. Nesse sentido, as redes são globais e, desse modo, transportam o universal ao local”. Nesse cenário, a telecomunicação cria processos globais. Sendo assim, são as grandes empresas globais que ditam suas normas mundiais. Sendo assim, quando o mundo intervém no espaço e

o modifica para que ele possa exprimir no local os interesses globais, a complexidade da organização espacial se torna um problema coletivo (SANTOS 2012).

Do mesmo modo, o uso dos “lugares” pelas grandes empresas forma normas, pois, o mundo “é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares” (SANTOS, 2012, p. 337). Esse dado é, atualmente, fundamental, já que o imperativo da competitividade exige que os lugares sejam globais. Nesse sentido, “o exercício desta ou daquela ação passa a depender da existência, neste ou naquele lugar, das condições locais que garantam eficácia aos respectivos processos” (SANTOS, 2012, p. 337).

Para Santos (2008), a grande empresa se instala nos lugares e impõe a eles normas duras e rígidas, ocorrendo à chamada “não política”, ou seja, a política que é construída pelas empresas de grande porte. Elas buscam nos lugares o capital e, desse modo, valoriza diferencialmente as localizações.

Todavia, mediante o discurso oficial, tais empresas são apresentadas como salvadoras dos lugares e são apontadas como credoras de reconhecimento pelos seus aportes de emprego e modernidade. Daí a crença de sua indispensabilidade, fator da presente guerra entre lugares e, em muitos casos, de sua atitude de chantagem frente ao poder público, ameaçando ir embora quando não atendias em seus reclamos. Assim, o poder público passa a ser subordinado, compelido, arrastado (SANTOS, 2008, p. 68).

Contudo, o Estado continua forte, pois as empresas transnacionais nem as instituições supranacionais têm força normativa para estabelecer seu interesse político e econômico. A globalização traz ao território nacional uma economia que é internacional, dessa forma, “o território continua existindo, as normas públicas que o regem são da alçada nacional, ainda que as forças mais ativas do seu dinamismo atual tenham origem externa” (SANTOS, 2008, p. 76).

A globalização é o “ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista (...). o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes” (SANTOS, 2008, p. 23). Já para Haesbaert (2001, p.12), é “a realidade internacional é simultaneamente unipolar, multipolar e em muitos casos ‘a-polar’”.

Sobre as bases históricas da globalização, elas irão começar na etapa do capitalismo em que Lênin chamou de monopolista ou imperialista (HAESBAERT, 2001). Nesse momento, o sistema econômico se expandiu para outras áreas e impôs (re)divisões entre os blocos que influenciavam o capital financeiro. O século XX foi marcado por essa incessante (re)divisão sobre os centros de poder (HAESBAERT, 2001).

Assim, existe uma periodização para as fases do processo que levou a globalização, conforme destaca Haesbaerth (2001):

- A fase I ou embrionária, que começou no século XV e durou até a metade do século XVIII, foi marcada pelo declínio do feudalismo e o crescimento das comunidades nacionais, o progresso das explorações e as conquistas territoriais e a disseminação dos conceitos de indivíduo e humanidade.
- A fase II ou incipiente, que foi da metade do século XVIII à década de 1870, foi caracterizada pelo fortalecimento dos estados unitários, pela normatização dos conceitos de relações internacionais e pelo conjunto de questões relacionadas ao internacionalismo, comunicação e regulamentação.
- A fase III ou decolagem, que foi da década de 1870 até a metade da década de 1920, houve um debate sobre a sociedade nacional [global], as comunicações se aceleraram, houve o início do movimento ecumênico, foi implantado o calendário universal e a hora, e houve, também, o primeiro conflito mundial.
- A fase IV ou luta-pela-hegemonia, que começa na década de 1920 até a primeira metade da década de 1960, houve a disputa e as guerras sobre o termo do processo de globalização, a criação das Nações Unidas e o nascimento de um sentimento humanitário globalizado incitado, principalmente, pelo holocausto e pela bomba atômica lançada sobre o Japão.
- A fase V ou da incerteza, que foi do início da década de 1960 até o início dos anos 1990, teve como marca a introdução do Terceiro Mundo nas redes do sistema industrial, um aumento da consciência global, do problema de multinacionalidade, de questões ecológicas, das questões de gênero e etnia, um sistema nacional mais fluído e uma mídia global poderosa.

A partir disso, a globalização contemporânea é o resultado da expansão do capitalismo e da sociedade de consumo, o que provocaria um gradual crescimento da mercantilização (HAESBAERT, 2001). O capitalismo se expande tão profundamente que reordena espaços já consolidados, desterritorializando e reterritorializando grupos sociais (HAESBAERT, 2001).

Nesse cenário, a globalização, segundo Santos (2008), pode ser vista de três maneiras: (i) a globalização como fábula é guiada pela ideologia que faz enxergar o mundo conforme interesses particulares; (ii) a globalização com perversidade está ligada aos comportamentos desenfreios de competição realizados, principalmente, pelas ações hegemônicas - essa globalização é negativa e está se impondo para grande parte da humanidade como uma fábrica

de perversidades; (iii) a globalização como possibilidade está associada à ideia de melhor utilização dos instrumentos produzidos pela globalização.

Santos (2008) ainda aborda que na globalização o planeta é compartimentado pela ação do homem e por sua presença política, ou seja, “todo e qualquer pedaço da superfície da terra se torna funcional às necessidades, usos e apetites de Estados e empresas nesta fase da história” (SANTOS, 2008, p. 81). Por isso, é fundamental, ainda que brevemente, terminar essa seção com a fragmentação do território.

O território não é um elemento neutro, ele vai produzir uma esquizofrenia no espaço. Então, o lugar e o território também são esquizofrênicos, pois recebem os atores da globalização e, a partir da ordem imposta por esses, passam a ser também local de contraordem (SANTOS 2008). Logo, “os territórios tendem a uma compartimentação generalizada, onde se associam e se chocam o movimento geral da sociedade planetária e o movimento particular de cada fração, regional ou local, da sociedade nacional” (SANTOS, 2008, p. 80).

Já Haesbaert (2008) aborda que a desterritorialização pode ser discutida de dois pontos de vista: o primeiro da natureza política, ou seja, a respeito da desterritorialização que é provocada pela “globalização econômica dos Estados-nação” (HAESBAERT, 2008, p. 31), e o segundo de natureza simbólica, que está associado à perda de valores da sociedade com o advento do consumo capitalista (HAESBAERT, 2008). Nesse sentido, os processos de fragmentação podem ser inclusivos ou integradores e através da globalização eles se concretizam (HAESBAERT, 2001). O autor, inclusive, utiliza como exemplo as “subcontratações e terceirização, trabalho temporário, deslocalização de firmas, renovação incessante de produtos” (HAESBAERT, 2001, p. 25), se configurando como estratégias de flexibilização do circuito produtivo (HAESBAERT, 2001). Sendo assim, “contrapor globalização à fragmentação é um falso problema. (...) a globalização se realiza através da diferenciação” (HAESBAERT, 2001, p. 24).

Na próxima seção deste artigo, apresentam-se os resultados empíricos do trabalho de campo e, principalmente, busca-se refletir acerca da globalização e do grande capital na escala local de Santo Antônio da Platina. É importante ressaltar que esses resultados são alicerçados, também, em participação da população local. Assim, buscou-se entender a dinâmica e as relações com o capital de uma empresa grande, uma média e uma pequena empresa e a percepção dos moradores quanto às numerosas variáveis provocadas pelo capitalismo e pela globalização.

O grande capital e o capital local em Santo Antônio da Platina (PR)

A pesquisa de campo, em primeiro momento, ocorreu pela entrevista em três empresas instaladas no município de Santo Antônio da Platina, que possuíam dimensões de capital distintas e tamanhos diferentes. Com a ideia de passar pelos diferentes tipos de capital, procurou-se a entender a influência e relação das empresas com o capital global/local e com o município, sobretudo a parte urbana.

A empresa de capital local é do ramo de autopeças. Ela foi fundada em meados de 2000 por um morador de Santo Antônio da Platina. O proprietário realizava atividades de compra de carros para desmanche e, com isso, começou a venda de peças. A venda começou um pouco tímida, sendo que a estrutura física da empresa era a própria residência do proprietário, em um bairro predominantemente residencial. Após o aumento das vendas e da maior oferta de serviços (mecânica, venda de caminhões, etc.), o proprietário adquiriu um terreno às margens da rodovia (PR-439) para maior acomodação da empresa. Apesar de não possuir filiais em outros municípios, a empresa tem como principal mercado consumidor os moradores de Santo Antônio da Platina e pessoas que transitam pela rodovia e, porventura, precisem do serviço em uma emergência.

Atualmente, o negócio conta com três funcionários, que oferecem serviços de venda e de compra de peças, caminhões e máquinas, bem como serviço de mecânica especializada. A empresa não conta com nenhum incentivo fiscal do município e não paga nenhum tipo de *royalties*. A escolha do município está ligada pela condição de ser cidade natal da família, sendo que a empresa avalia que ela contribui para o desenvolvimento local do município quando paga impostos e oferta serviços.

A segunda empresa é do ramo de artigos religiosos. Ela é uma empresa de capital local e surgiu a partir da ideia de jovens, que após saírem do seminário, começaram a produzir terços para complemento de suas rendas, pois trabalhavam em um banco. No começo, vendiam os itens religiosos nas cidades da região com sacolas nas costas. Devido ao sucesso da empreitada, adquiriram um carro para que suas mercadorias pudessem alcançar consumidores mais distantes. Santo Antônio da Platina foi escolhida, pois muitos familiares dos fundadores residiam no município. Atualmente, o negócio conta com 90 funcionários, todos residentes em Santo Antônio da Platina.

O forte da empresa é a exportação dos produtos, em especial para os Estados Unidos da América e para a Alemanha. Os artigos religiosos também são ofertados para o mercado nacional. A empresa não conta com nenhum incentivo fiscal do município e não paga nenhum tipo de *royalties*. Segundo o entrevistado, a empresa contribui para o desenvolvimento local do município visto que os seus colaboradores e alguns de seus fornecedores são platinenses.

Finalmente, a terceira empresa é de capital estrangeiro e de grande porte. A empresa, além de produzir o chicote elétrico automotivo e painel de instrumentos, fabrica medidores, equipamentos do veículo, conectores de carga, fios e cabos elétricos, entre outros produtos. A sua sede fica em Tóquio, capital do Japão, e em Santo Antônio da Platina encontra-se uma de suas filias. A empresa foi fundada em 1941 no Japão e começou a operar no Brasil em 1997.

No município de Santo Antônio da Platina, a empresa foi instalada em 2004 com 58 funcionários. O motivo da escolha do município foi a disponibilidade de mão de obra de excelente qualidade e por ter uma unidade do SESI/SENAI que é um grande parceiro nacional da referida empresa, proporcionando o desenvolvimento e capacitação dos profissionais.

Atualmente, a empresa possui duas instalações no município e conta com 1.877 funcionários. O principal mercado consumidor são as montadoras nacionais, sendo assim, a empresa não exporta diretamente nenhum produto. Na planta de Santo Antônio da Platina, os principais clientes são a Toyota (fabricação de chicotes para os carros Corolla e Etios), Honda (fabricação de chicotes para os carros Fit, City e WRV), Ford (fabricação de chicotes para o carro New Fiesta), PCA (fabricação de chicotes para o carro Air Cross), Mercedes Benz (fabricação de chicotes para todos os caminhões) e General Motors (fabricação de chicotes para a Montana).

Apesar do tamanho da empresa, a organização não conta com ações na bolsa, pois se consideram uma empresa familiar. O incentivo fiscal para instalação da empresa no município foi a disponibilização de um terreno para instalação da unidade e crédito presumido por importar pelo porto de Paranaguá (PR). A empresa não paga nenhum tipo de *royalties* ao município.

De acordo com a entrevistada, a maior contribuição econômica é a geração de mais de 2.000 empregos diretos e indiretos, desenvolvimento dos colaboradores de uma forma geral, pois para a maioria dos cargos de chefia operacional o requisito básico para promoção é tempo de casa e experiência no produto.

A partir dessas constatações, é possível refletir que existem diferentes variáveis do capitalismo em Santo Antônio da Platina, um recorte não metropolitano, assim como estão presentes em metrópoles. A diferença está, então, na quantidade de empresas que compõe essas dinâmicas. Atesta-se, portanto, a existência da produção do espaço por meio de atores globais e, também, por ação do pequeno capital.

Isso dialoga com Santos (2012) quando aborda que cada lugar convive dialeticamente, ao mesmo tempo, com a razão global e a razão local. No caso das empresas locais, são espaços “reterritorializados” a partir dos laços de pertencimento com a localidade. No caso da lógica global, como aponta Santos (2012), é “desterritorializada”, uma vez que a sede encontra-se no

Japão e a empresa possui filiais pelo mundo todo, inclusive em uma cidade pequeno do interior do Estado do Paraná.

Por meio das entrevistas realizadas com diferentes agentes, foi possível perceber que eles influenciam, diretamente, na economia local, seja na geração de emprego, seja na oferta de produtos e serviços. Apesar disso, apenas o grande capital conseguiu se vincular ao Estado, enquanto governo municipal, para conseguir algum incentivo fiscal. Assim, a intensidade da produção do espaço urbano ocorre a partir do tamanho do capital investido pela empresa.

Na esfera global, como alertou Santos (2012), a globalização se reúne por redes. Do mesmo modo, como pontua Santos (2012), o uso dos “lugares”, no caso Santo Antônio da Platina, pela grande empresa, forma normas, pois apresenta possibilidades (incentivos, mão de obra, infraestrutura, a própria rede, etc.). No caso das empresas de capital local, o trabalho de formar normas é mais difícil, pois além de capital reduzido, a sua relevância é economicamente menor, sobretudo quanto ao número de empregos e de capital gerado na municipalidade.

A percepção local quanto às diferentes formas do capital e o fenômeno da globalização

A aplicação de questionário em cem moradores, maiores de 18 anos, de Santo Antônio da Platina, busca entender como os platinenses percebem as diferentes formas de capital no município, ou seja, a existência de uma percepção quanto aos diferentes capitais e suas ações no espaço urbano local e, por conseguinte, como entendem o fenômeno da globalização no espaço local.

Inicialmente, destaca-se a condição de trabalho dos respondentes: 82% dos respondentes estavam trabalhando no período de realização da pesquisa, 14% estavam desempregados e 4% se declararam aposentados. Buscou-se identificar, também, em qual esfera os respondentes empregados trabalhavam. Os resultados mostram que 42,7% dos entrevistados trabalhavam em empresas de capital local ou nacional, como as duas primeiras empresas entrevistadas neste trabalho; 32,9% dos respondentes trabalhavam em estabelecimentos públicos; e, por fim, 24,4% dos respondentes que tinham emprego no período de aplicação do questionário trabalhavam em empresa de capital estrangeiro, como uma das empresas entrevistas neste trabalho. Acredita-se, portanto, que há um patamar muito elevado de empregos em empresas de capital estrangeiro, demonstrando a influência do capital global na economia local, sobretudo na geração de renda.

Os dados seguintes visam compreender a percepção dos respondentes quanto às variáveis do capitalismo. Inicialmente, os respondentes foram questionados sobre qual tipo de capital é mais relevante para o desenvolvimento econômico e social de Santo Antônio da

Platina. As opções eram: capital local, capital estrangeiro ou ambos os capitais. A Figura 2 apresenta, por proporcionalidade, a percepção dos respondentes quanto o tipo de capital que é mais relevante para o desenvolvimento de Santo Antônio da Platina. O capital local foi citado por 75% dos respondentes, sendo considerado por eles o melhor para a economia do município de Santo Antônio da Platina. Segundo alguns respondentes, no caso do capital local o dinheiro gerado fica no município e não é deslocado para outros locais. Já 21% dos respondentes consideraram que o capital estrangeiro é mais importante para o desenvolvimento de Santo Antônio da Platina, pontuando, nos argumentos, que acabam tendo mais recursos para investir na localidade, mais condição de competir e melhor qualidade dos produtos. Apenas 4% dos respondentes pontuaram que ambos são fundamentais para economia do município.

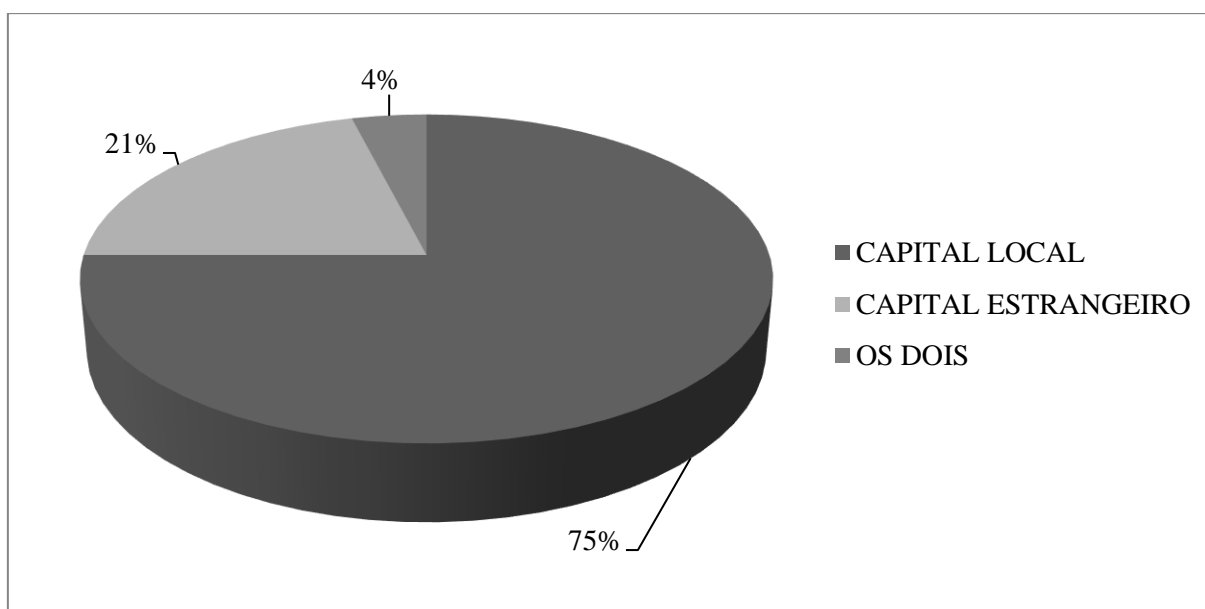


Figura 2. Santo Antônio da Platina (PR). “Qual capital é melhor para a economia do município?”
Fonte: Trabalho empírico – Agosto 2017

Na sequência, os respondentes foram indagados se o consumo de produtos fabricados por empresas de capital local contribui para o desenvolvimento econômico e social de Santo Antônio da Platina. Os resultados aparecem na Figura 3, demonstrando a visão dos respondentes sobre o vínculo entre o consumo de produtos locais e a perspectiva de desenvolvimento local.

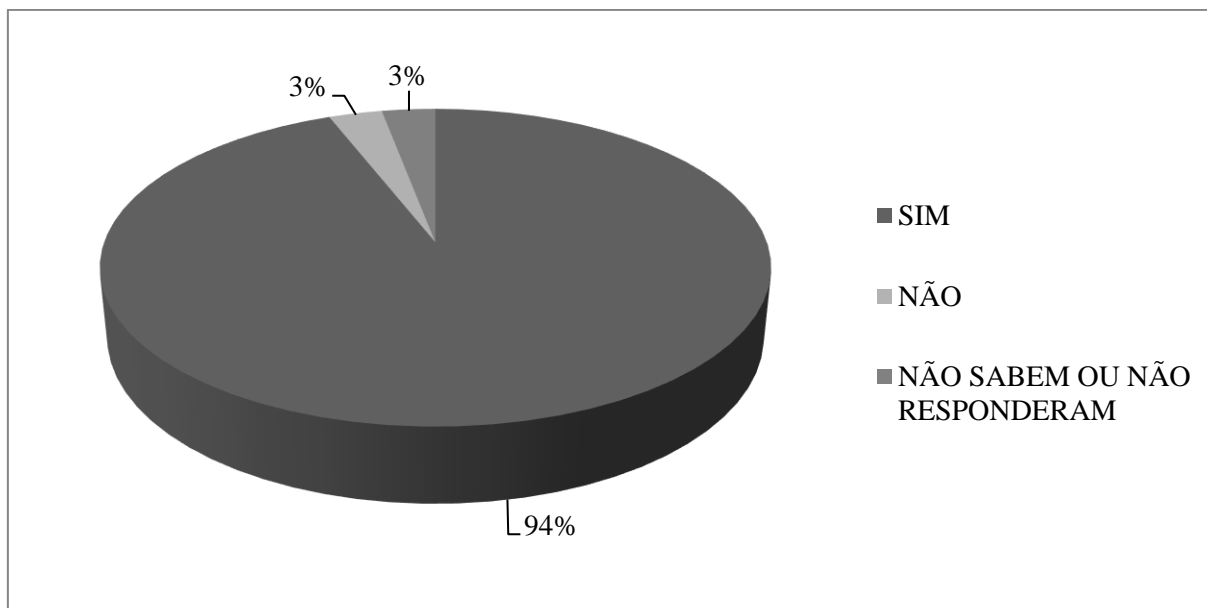


Figura 3. Santo Antônio da Platina (PR). “O consumo de produtos locais contribuiu socioeconomicamente no município?”

Fonte: Trabalho empírico – Agosto 2017

A esmagadora maioria dos respondentes, com 94%, pontuou que o consumo de produtos fabricados por uma empresa de capital local ajuda no desenvolvimento econômico e social de Santo Antônio da Platina. Apenas 3% dos respondentes indicaram que esse consumo não contribuiu para o desenvolvimento local e apenas para o enriquecimento próprio dos proprietários e outros 3% não souberam responder ou não quiseram responder.

Os respondentes foram instigados a justificarem a resposta da indagação anterior. Assim, a Tabela 1 indica as citações que justificaram as respostas “sim”. Foram identificadas 108 citações, sendo em média, 1,14 expressões por entrevistado, gerando nove agrupamentos.

Tabela 1. Santo Antônio da Platina (PR). “Porque os produtos locais contribuem para economia do município?”

Expressão	%
Geração de renda/emprego	41,66%
Valorização/Incentivo local/Desenvolvimento econômico	28,70%
Retorno financeiro fica no próprio município	16,66%
Não responderam	4,62%
Atrai investimentos	2,77%
Não sabem	2,77%
Aumento dos impostos	0,92%
Aumento do consumo	0,92%
Utilização da mão-de-obra	0,92%

Fonte: Trabalho empírico – Agosto 2017

A geração de renda/emprego foi a justificativa mais citada pelos respondentes de Santo Antônio da Platina, com 41,66%, seguida de valorização/incentivo

local/desenvolvimento econômico com 28,70%. As afirmativas que não justificaram as respostas representam 4,62%, e 2,77% não sabem. Ainda aconteceram respostas com pouca expressão, como atração de investimentos (2,77%), aumento dos impostos (0,92%) aumento do consumo (0,92%) e utilização da mão-de-obra (0,92%).

Já os respondentes que pontuaram que o consumo de produtos locais não contribui para a economia do município de Santo Antônio da Platina explicaram que além da perspectiva de desenvolvimento próprio, “depende de quais são as mercadorias e de que forma serão revendidas”; “Não, pelo fato delas não serem desenvolvidas”; “Não mais, porque acabam entrando no comodismo e acabam não inovando mais”.

Os próximos resultados refletem a percepção dos respondentes quanto à globalização no município de Santo Antônio da Platina. Inicialmente, os respondentes foram questionados se concordam com a entrada de grandes franquias e, portanto, de capitais externos no município. Os resultados são apresentados na Figura 4.

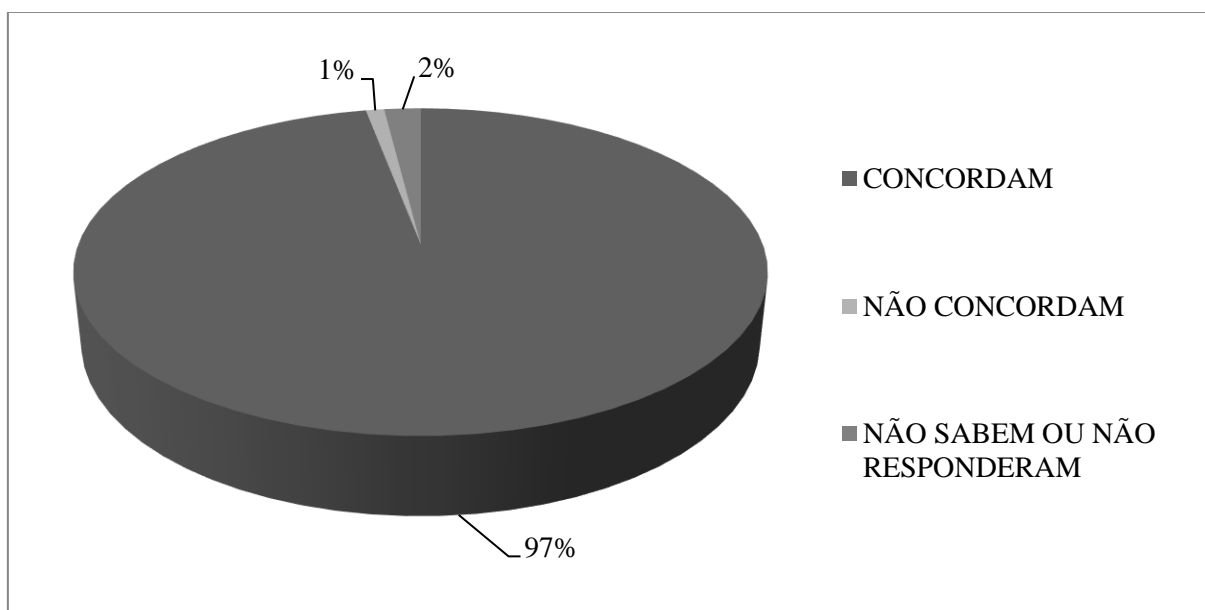


Figura 4. Santo Antônio da Platina (PR). “Concorda com a entrada de grandes franquias no município?”

Fonte: Trabalho empírico – Agosto 2017

Os dados mostram que 97% dos respondentes concordam com a entrada das franquias e apenas 1% não concorda com isso. Esse patamar de respostas foi superior ao valor encontrado para o capital local, ou seja, há maior aceitação do respondente de Santo Antônio da Platina quanto ao grande capital do que em relação ao capital local. Aqueles que não souberam ou não quiseram responder a questão proposta representou 2%.

Para aprofundar essa reflexão, foi solicitado aos respondentes que justificassem a resposta da questão anterior. Assim, a Tabela 2 apresenta as justificativas apresentadas pelos respondentes que concordam com a entrada de grandes franquias no município.

Tabela 2. Santo Antônio da Platina (PR). “Porque concorda com a entrada de grandes franquias no município?”

Expressão	%
Aumento na oferta de empregos	46,21%
Crescimento do município/economia	22,72%
Aumento dos serviços oferecidos	9,09%
Valorização/Atração	6,81%
Aumento da renda	3,78%
Crescimento das oportunidades	3,03%
Aumento da concorrência	2,27%
Não responderam	2,27%
Não sabem	1,51%
Aumento do consumo	1,51%
Aumento dos impostos	0,75%

Fonte: Trabalho empírico – Agosto 2017

Foram identificadas 132 citações, sendo, em média, 1,36 expressões por respondente. O aumento na oferta de empregos estava presente em quase metade das respostas (46,21%), sendo seguido pelo crescimento do município/economia com 22,72% e aumento dos serviços oferecidos com 9,09%. As afirmativas que não justificaram as respostas somam 2,27% e as que não sabem 1,51%. Nota-se que nas respostas abertas sobre o consumo de produtos locais e sobre a entrada de franquias, o emprego/renda surge como a evocação mais citada. Nesse sentido, fica evidente a preocupação dos moradores quanto à oferta de empregos e crescimento econômico.

A única resposta que não concordou com a entrada de grandes franquias e do grande capital explicou que: “Precisa ser muito organizado, grandes empresas e franquias geram muitos empregos, o que a gente observa é que estas empresas, geralmente, trazem seus gestores e administradores, restando para a população local os cargos e funções de ‘menor’ importância e com menor remuneração em geral essas empresas vem para explorar a mão de obra barata e a isenção de impostos”.

Na sequência, os respondentes de Santo Antônio da Platina foram desafiados a indicarem o nome de uma empresa de capital local e uma empresa de capital estrangeiro localizadas em Santo Antônio da Platina.

Quanto às empresas de capital local, a mais lembrada, com 30,43%, foi justamente a entrevistada neste trabalho; a segunda coloca, do ramo de confecção de roupas, apareceu com 20% das citações; em terceiro, uma empresa de confecção de roupas para crianças, contou com 12,17% das respostas, seguida da fábrica de arroz, com 3,47%. Foram citadas também em 2,60% das respostas, respectivamente, uma lanchonete, uma empresa de transportes e um

escritório de contabilidade. Encontraram-se, também, em 1,73% das citações duas fábricas de extintores e uma empresa de informática. Aqueles que não responderam representam 0,86%

Quanto à empresa de capital estrangeiro, apenas uma empresa foi lembrada. A única empresa lembrada pelos respondentes de Santo Antônio da Platina foi a justamente a empresa entrevistada neste trabalho, com 98% das respostas. Os outros 2% indicaram erroneamente empresas de capital externo.

Por fim, buscou-se entender como os respondentes percebem a o capital, a partir da globalização, pode produzir o espaço urbano de Santo Antônio da Platina. Assim, a Tabela 3 indica, por proporcionalidade, as expressões acerca da produção do espaço urbano de Santo Antônio da Platina a partir da leitura dos respondentes sobre a globalização. No total, foram 119 citações, sendo, em média, 1,19 respostas por entrevistado.

Tabela 3. Santo Antônio da Platina (PR). “Como o capital pode produzir o espaço?”

Expressão	%
Geração de emprego	32,77%
Desenvolvimento econômico/Melhora e aumento dos órgãos comerciais	22,68%
Geração de renda	16,80%
Investimentos	7,56%
Não responderam	5,88%
Aumento do consumo	5,88%
Não sabem	3,36%
Geração de desigualdades	1,68%
Avanço tecnológico	0,84%
Cobrança de imposto	0,84%
Oportunidade de vida	0,84%
Nada	0,84%

Fonte: Trabalho empírico – Agosto 2017

A geração de emprego, mais uma vez, apareceu como mais citada com 32,77%. Isso vai de encontro com a base teórica desta pesquisa, sobretudo quando Corrêa (1989) considera como grande produtor do espaço urbano os proprietários dos meios de produção e os promotores imobiliários. A própria porção urbana próxima à empresa de grande capital instalada em Santo Antônio da Platina sofreu intensas modificações com a instalação da empresa.

O desenvolvimento econômico/melhora e aumento dos órgãos comerciais apareceu em seguida com 22,68%. A geração de renda e os investimentos apareceram com 16,80% e 7,56%, respectivamente. Os que não responderam representaram 5,88% das expressões e os que não souberam 3,36%. Algumas respostas foram curiosas, como aumento de consumo (5,88%), a geração de desigualdades (1,68%), o avanço tecnológico (0,84), a cobrança de imposto (0,84%)

e a oportunidade de vida (0,84%). A resposta extremista “nada” esteve presente em 0,84% das citações.

Os resultados sobre a produção do espaço urbano se associam com o debate teórico inicial deste artigo que enfatizou, a partir de Corrêa (1987), a organização espacial e os agentes que a produzem. Essa organização espacial é formada pelas inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social, o que inclui o capital local, mas, sobretudo, volta-se ao grande capital. Já os agentes ajustam os comportamentos locais aos interesses globais, ou seja, o interesse de desenvolvimento local (por parte do Estado – ente municipal – e da população local) em consonância com o interesse do capital de fazer do espaço resultado de acumulação. Efetivamente, as mazelas desse processo são pouco pontuadas pelos agentes e, muitas vezes, ignoradas pela cortina de fumaça desenvolvimentista.

Considerações finais

A pesquisa buscou perceber como o capital em suas variáveis é disposto e percebido em Santo Antônio da Platina, espaço não metropolitano localizado no Norte do Estado do Paraná. A partir disso, entende-se que a sociedade capitalista organiza o espaço de uma maneira bastante peculiar, pois a maneira que gera emprego, renda e desenvolvimento, cria também segregação, pobreza e exclusão. A organização espacial desse tipo de sociedade está organizada para si mesma.

É importante pontuar, ainda que em hipótese, mas sinalizando a continuação dos estudos em Geografia, que os municípios não metropolitanos sofrem a influência direta da globalização e do grande capital assim (entende-se semelhante) como os grandes centros urbanos. É notável que existam diferenças quanto a essa participação, porém a cada dia os padrões de vida impostos pelos atores hegemônicos estão disseminados por todo o espaço.

Na parte empírica do presente trabalho, constatou-se que Santo Antônio da Platina apresenta empresas de grande, médio e pequeno porte, e que elas possuem uma parcela de contribuição para a geração de renda e trabalho no município. É incontestável que a empresa de capital estrangeiro contribui de maneira mais expressiva para o referido fenômeno, visto que gera 1.877 empregos diretos. Ao mesmo tempo em que fomenta a economia do município, pode, também, ficar refém dos interesses da empresa, e caso a empresa se retire da cidade, a economia poderá sofrer graves danos.

Outro fator de destaque que envolve a dinâmica de capital que ocorre no município é a exportação de artigos religiosos para a maior potência mundial e para um grande país da Europa. Além disso, a pequena empresa entrevistada no trabalho apesar de não ter grandes

dimensões, tem como principal mercado consumidor cidades da região. Conclui-se que as respectivas empresas têm a percepção de como contribuem para o desenvolvimento local, destacando sempre a geração de emprego e renda.

Apesar dessa valorização do capital local, por parte do respondente, a entrada de grandes franquias e, portanto, da possibilidade de capital externo foi apoiada por 95% dos entrevistados. A justificativa, mais uma vez, girou em torno de expressões como geração de emprego e desenvolvimento econômico. Porém, alguns dos entrevistados explanaram análises críticas em relação às grandes empresas, dando a entender que estas só adentram cidades não metropolitanas para explorar a mão-de-obra barata e na busca de isenção de impostos e, depois, levam o capital para a sede da sua empresa, geralmente em outros Estados Nacionais.

Por fim, conclui-se que tanto a percepção dos moradores quanto das empresas entrevistadas quanto às variáveis do capital estão relacionadas, especialmente, à geração de emprego, renda e valorização local. Além disso, ficou evidente a presença do grande capital no espaço municipal e uma atuação dele no espaço local. Durante o trabalho empírico foram poucas as percepções do outro lado do capitalismo: a globalização perversa, o capitalismo esmagador, segregador, excludente e que gera riquezas, mas que, sobretudo, gera muito mais pobreza. Essa leitura ficou falha, demonstrando o quanto o profissional formado em Geografia pode contribuir quanto ao tema.

Globalization and big capital in the urban space of Santo Antônio da Platina (PR), Brazil

Abstract: The Capitalism has consolidated itself as the system of hegemonic production practically around the world. Thus, phenomena, such as the Industrial Revolution, have further optimized this supremacy and, nowadays, the capital and its variants are found in heterogeneous spaces. For this reason, the main objective of this paper is to show that the action of big capital and globalization in urban space also occurs in non-metropolitan municipalities, such as medium-sized cities, small cities and rural areas. In this way, this research demystifies the view that only large urban centers experience the action of the variables of capitalism. For this, the study occurs in the municipality of Santo Antônio da Platina, located in the countryside of the State of Paraná, and has less than fifty thousand inhabitants. The research brings the theoretical discussion about the great capital, the globalization, as well as the perception of the inhabitants regarding the variables of the referred system of production. Therefore, the research methodologies were used: bibliographical and data survey, application of questionnaires with the population and with companies installed in the municipality, cartographic products and the final writing of the work. The results indicated the presence of large capital in Santo Antônio da Platina, in competition with local capital, and for the production of urban space through the diffusion of this great capital in the local space.

Keywords: Globalization. Great Capital. Urban Space. Santo Antônio da Platina

La globalización y el gran capital en el espacio urbano de Santo Antônio da Platina (PR), Brasil

Resumen: El capitalismo se consolidó como el sistema de producción hegemónico en prácticamente todo el planeta. Así, fenómenos, como la Revolución Industrial, potenciaron aún más esta supremacía y, en los días actuales, el capital y sus variantes se encuentran en espacios heterogéneos. Por eso, el objetivo principal de este artículo es mostrar que la acción del gran capital y de la globalización en el espacio urbano ocurre también en municipios que no son metropolitanos, como las ciudades medias, las pequeñas ciudades y las áreas rurales. Así, esta investigación desmitifica la visión de que sólo grandes centros urbanos experimentan la acción de las

variables del capitalismo. Para ello, el estudio ocurre en el municipio de Santo Antônio da Platina, ubicado en el interior del Estado de Paraná, y que posee menos de cincuenta mil habitantes. La investigación trae la discusión teórica sobre el gran capital y la globalización, así como la percepción de los habitantes como las variables de dicho sistema de producción. Se utilizaron las metodologías de investigación: levantamiento bibliográfico y de datos, aplicación de cuestionarios con la población y con empresas instaladas en el municipio, y realización de productos cartográficos y de la redacción final del trabajo. Los resultados señalaron para la presencia del gran capital en Santo Antônio da Platina, en competencia con el capital local, y para la producción del espacio urbano a partir de la difusión de ese gran capital en el espacio local.

Palabras claves: Globalización. Gran capital. Espacios urbanos. Santo Antônio da Platina.

Referências

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

HAESBAERT, R. **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. Niterói: Eduff, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php> acesso em: 3 mar. 2018.

_____. **Divisão Regional**. 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm> acesso em: 10 mar. de 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 17ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. – 4 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

Sobre os autores

Pedro Henrique Carnevalli Fernandes - Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (PR). Docente do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Editor da Revista Geoinfó.

Lorena Seixas Soares de Souza - Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

Recebido para avaliação em maio de 2019

Aceito para publicação em agosto de 2019